

UMA PITADA DE LITERATURA NO JORNALISMO: O PERFIL NA REVISTA PIAUÍ¹

Vagner Adilio ESPEIORIN²

Marlene Branca SÓLIO³

Universidade de Caxias do Sul, Caxias do Sul, RS

Resumo: A palavra aproxima o jornalismo e a literatura, é dela que essas disciplinas sobrevivem e se comunicam com o público. Por meio da palavra, a literatura molda um discurso estético e artístico, calcado na imaginação. O jornalismo a usa para informar e interpretar o real. Não raro, elas se relacionam: repórteres criam textos que falam da realidade, mas que graças a uma técnica literária se tornam agradáveis de ler. Já a literatura busca, na observação do cotidiano, substratos para retratar nas histórias. Este artigo busca analisar como essas convergências entre literatura e jornalismo se inserem na *Revista Piauí*. Para isso, foram analisados dois perfis. Um sobre a vida de Michel Temer e outro sobre Indio da Costa, ambos candidatos à vice-presidência da República em 2010. A análise nos mostra que o jornalismo utiliza a literatura para criar um texto mais solto e informal.

Palavras-chave: jornalismo; literatura; Revista Piauí; reportagem-perfil; leitor.

1 INTRODUÇÃO

Uma passagem rápida pela história das letras permite observar que o jornalismo e a literatura sempre conversaram de perto. Mais do que isso, em alguns momentos, pode-se notar que além de uma conversa, o que existe aí é um caso mais sério. Essa relação, no entanto, nunca foi alvo de consenso. Por muitos anos, a literatura (especialmente escritores afeitos ao ideal estético das palavras) observou o jornalismo como uma esfera carregada de real, preso às amarras da vida cotidiana e, até mesmo, como uma atividade cuja efemeridade não permitiria o conhecimento do mundo⁴.

Dentro das redações, no entanto, escritores conhecidos por seus romances e contos colaboravam com importantes publicações no Brasil. No século XIX, Machado de Assis vai ser o mais icônico escritor a contribuir com a Imprensa. No século XX, Nelson Rodrigues poderia ser visto tranquilamente em meio às máquinas de escrever do *O Globo*, por exemplo.

¹ Trabalho apresentado no IJ 1 – Jornalismo do XIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul realizado de 31 de maio a 2 de junho de 2012..

² Estudante do 9º Semestre do Curso de Jornalismo, email: vagner_espeiorin@hotmail.com.

³ Orientadora do trabalho. Professora do Curso de Jornalismo da UCS. Doutora em Comunicação pela PUCRS. email: mbsolio@ucs.br.

⁴ Marcel Proust declarou o seguinte: “O que me parece mal nos jornais é que solicitem todos os dias nossa atenção para coisas insignificantes, enquanto não lemos mais que três ou quatro vezes em toda nossa vida os livros que contêm coisas essenciais” (apud MEDEL, 2002, p. 16, In: CASTRO; GALENO, 2002).

Já que essa história de aproximações e distanciamentos se arrasta até hoje, este artigo pretende analisar como isso ocorre na imprensa atual. De que forma o jornalismo se utiliza de técnicas da literatura para produzir um gênero específico: a reportagem-perfil na *Revista Piauí*.

O principal objetivo é produzir uma análise concisa da proximidade das áreas e mostrar como, ainda hoje, o jornalismo interpretativo-literário explora traços do *New Journalism*, estilo que surgiu nos Estados Unidos e que mostrou como é tênue a linha que separa essas duas áreas.

2 JORNALISMO E LITERATURA: UMA LONGA HISTÓRIA

15 de novembro de 1959 entrou para a história de Holcomb como o dia mais trágico na pacata cidade americana, situada no estado de Kansas. Na localidade, dois bandidos atacaram a residência Clutter. Durante a noite, mataram os quatro membros da família de forma brutal. Foi esse dia também, o estopim para um momento importante dentro do jornalismo e da literatura. A partir dessa história, o escritor Trumann Capote decidiu entrar a fundo na vida da pequena cidade do Kansas. Após ler a notícia dos homicídios em um jornal, Capote arrumou as malas e mergulhou num cenário peculiar e calmo, porém abalado profundamente pelo crime. Em Holcomb, o escritor apurou a vida da família, adentrou na rotina da cidade, entrevistou conhecidos das vítimas. Capote conheceu os assassinos da família e, com eles, apurou a fundo os motivos e as cenas do crime.

O relato foi editado em quatro partes pela Revista *New Yorker* e, depois, virou um livro que marcou um novo rumo ao jornalismo. *A sangue frio* se destaca por relatar de forma literária um fato verdadeiro. A partir de uma apuração jornalística, Capote narra o período anterior à morte dos Clutter's até a condenação dos assassinos.

Com uma riqueza de detalhes que, muitas vezes, faz o leitor desconfiar da veracidade dos fatos, *A Sangue Frio* foi o ponto alto do chamado *New Journalism*. Com ícones como Norman Mailer e Gay Talese, o estilo foi uma espécie de reação ao padrão jornalístico americano. Segundo Bulhões (2007, p. 146), a partir do século XX, a imprensa dos Estados Unidos passou por uma 'industrialização' das redações. Nesse processo, o texto

mais analítico e com marcas de estilos deram lugar a uma redação enxuta. O lide⁵ passou a ser o ponto mais importante da matéria.

Esse processo modificou profundamente os jornais pelo mundo, ao mesmo tempo em que estreitou as possibilidades criativas dos jornalistas. A objetividade ganhava mais espaços nas páginas jornalísticas. A liberdade estilística, ao contrário, perdia terreno e ficava restrita às folhas semanais das revistas.

Bulhões destaca também que muitas das ideias do *New Journalism* foram inspiradas no Naturalismo do século XIX. Para o autor, além de uma reação ao estilo padrão que o jornalismo americano assimilava, essa tendência representou uma espécie de reação também aos romances modernos no início do século XX. Enquanto no *New Journalism*, a observação e o relato funcionam para explorar os traços sociais, nas histórias de romancistas modernos como Virgínia Woolf e Marcel Proust, o enredo é comandado por uma espécie de jogo psicológico em que as divagações temporais ganham atenção em relação aos fatos em si.

De um modo geral, o *New Journalism* teve a grande capacidade de deixar mais clara as proximidades entre o jornalismo e a literatura. As relações entre essas duas áreas sempre foram alvo de comentários e análises, mas até hoje está longe ser unanimidade entre os teóricos que as analisam. Para Mendel, o jornalismo e a literatura apresentam finalidades diferentes.

As relações entre criação literária e exercício jornalístico têm sido problemáticos desde seus inícios. Parece que aquela, sem abandonar a dimensão lúdica e frutiva, deve encaminhar-se para o *essencial humano*, bem que encarnado nas inevitáveis coordenadas espaço-temporais que nos constituem. A atividade informativa, ao contrário, aponta mais para o efêmero, passageiro, circunstancial (MEDEL, 2002, p. 16, In: CASTRO; GALENO, 2002).

Jornalismo e Literatura compartilham entre si a palavra. Ao jornalista, ela tem a função de permitir ao leitor a comunicação de fatos cotidianos e de informações de interesse do público. Aos escritores, a palavra permite a fruição estética, a liberdade de imaginação e a experimentação artística. Como irmãos, jornalista e literato utilizam a palavra como matéria-prima para suas realizações.

Embora, com tais parentelas, as funções apresentam significativas diferenças entre si. O jornalismo investiga a realidade. A literatura explora a imaginação. O jornalismo busca a observação, o mundo prático. A literatura, não. Ela sobrevive da inquietação e da ilusão do mundo. Enquanto arte, a literatura deseja interpretar o real na metáfora. O

⁵ Texto de abertura que responde às perguntas *O que? Quem? Quando? Onde? Por quê? Como?*,

jornalismo, enquanto ofício, escancara a realidade e vislumbra cativar a fidelidade do público.

Castro (2002) reforça essas diferenças ao comparar as formas de produção de um jornalista e de um escritor:

O jornalista traz quotidianamente o mundo para dentro do texto escrito. Põe no papel fatos, cenas, realizações, eventos os mais variados, num movimento em que extrai do mundo a matéria-prima necessária para transformá-la em narração. Para o escritor, o movimento é inverso. O mundo exterior também é fundamental, mas não é determinante como o é para o jornalista, já que o escritor pode buscar na sua própria subjetividade toda a sua literatura [...] (p. 73).

O jornalista depende da “verdade”, da comprovação dos fatos, mas isso não implica que o repórter não possa utilizar muitas técnicas de escrita literária. Não raro, o jornalista explora uma narração mais elaborada, graças a uma observação detalhista. Isso é mais claro dentro das revistas, meio de comunicação menos imediato que o jornal diário, por exemplo. Nelas, o período para a apuração jornalística é maior e o tom interpretativo predomina nos textos.

3 REVISTA PIAUÍ: QUANDO JORNALISMO BUSCA A LITERATURA

As páginas não parecem de revista. O papel mais lembra um jornal robusto, mais rijo. Ao folhear pela primeira vez a *Piauí*, o leitor vai observar que o texto toma a maior parte das matérias. As fotografias são quase sempre ‘chapadas’. Em meio às tecnologias do *design*, a publicação prefere deixar clara sua preferência pelo jornalismo textual.

Criada em 2006, mais precisamente no mês de outubro, a *Piauí* chegou ao mercado editorial se diferenciando das demais revistas por buscar nas suas páginas um jornalismo mais literário. A publicação mensal apresenta textos maiores que as revistas semanais. A redação tem um enfoque mais literário. As reportagens são carregadas de detalhes e dão a impressão que, mais que informar, contam histórias ficcionais. A técnica literária é largamente utilizada.

Tirando a ideia literária, não há elementos que moldam o texto da revista. Há grande liberdade de escrita ao repórter. Os espaços de texto também colaboram para a construção de uma redação mais elaborada. De um mês para o outro, a edição apresenta grandes mudanças. São poucas as seções fixas. Além das reportagens, especialistas nas mais

diversas áreas são convidados a escreverem sobre os assuntos que entendem. Colaboradores internacionais reforçam a qualidade da publicação.

A tiragem da revista gira em torno de 60 mil exemplares. A revista circula basicamente nos Estados de São Paulo e Rio de Janeiro. Ali se concentram 70% do público da *Piauí*.

Do ponto de vista textual, a ironia, usada largamente, reforça a tendência crítica da revista. As longas reportagens não poupam opiniões. Por fazer uso de um tom interpretativo, o a publicação procura traçar ao leitor um cenário mais esmiuçado. Essa tendência, no entanto, não se perde com o uso do texto literário.

O perfil também ganha uma atenção especial nas páginas da revista. Nesse tipo de reportagem, o foco da matéria não se concentra num assunto específico, mas sim na vida de uma personalidade. O gênero jornalístico vai além de uma simples descrição da vida de uma pessoa. Longe disso. Um perfil bem elaborado deve atentar para os vários fatores que compõe a personalidade, quanto à aparência de uma pessoa. Precisa analisar e criar relações com o ambiente em que vive o personagem da reportagem. Durante a leitura do texto, o leitor deve se sentir atraído a conhecer a vida do *case*.

Na *Piauí*, esse tipo de texto aparece nas edições pelo menos a cada dois meses. As personagens são os mais variados possíveis, desde um professor de matemática até um candidato à presidência da república.

4 A ANÁLISE: UM CAMINHO METODOLÓGICO

Vale lembrar que o gênero jornalístico se diferencia da literatura ao retratar a realidade, ou situações possíveis de comprovação. Na medida em que o literário toma conta dos textos da *Piauí*, a informação precisa ser emitida de uma forma diferenciada.

A construção dessa informação se torna menos direta e mais estética. Justamente, por entender as aproximações entre o jornalismo e a literatura, a análise vai se pautar para as características gerais do texto, focalizando os elementos que possam fazer referência à linguagem estética. De um modo geral, serão avaliados como o processo de construção da informação se reveste de uma forma mais subjetiva.

Entre os elementos de análise, serão verificados como as vozes de argumentação são expostas ao longo da matéria. Entendem-se as vozes de argumentação, como as fontes que colaboraram para que o repórter crie (ou recrie) a vida da personalidade do perfil.

As figuras de linguagens predominam no texto literário. Elas funcionam como estratégias para o autor criar imagens mentais aos leitores, atingindo muito mais o emocional que o racional. O perfil tem essa característica de figurar a realidade. Ao ‘transformar’ pessoa em texto, essa capacidade de simbolizar o real fica mais evidente e passa a fazer parte da análise em questão.

A forma de narração, lançada mão pelo repórter, também se mostra como um elemento possível de estudo. Para Brait (1999, p. 57), o narrador, ao construir um personagem, conduz o leitor entre a história. Embora a autora trate aqui de uma linguagem ficcional, a ideia de análise se aplica ao perfil, já que a personalidade retratada só é apresentada ao leitor por meio do repórter, ou seja, nessa relação o personagem é construído. Justamente por isso, os focos narrativos e os ângulos de visão também devem ser analisados, assim como, a análise temporal da matéria em questão.

Como material de análise, foram separados dois perfis publicados em 2010. Os textos tratam de duas personalidades que estavam em evidência no ano: os candidatos à vice-presidência do país. A reportagem-perfil do candidato do PMDB (Partido do Movimento Democrático Brasileiro), Michel Temer, foi publicado no mês de junho, na edição 45 da revista. O perfil sobre Índio da Costa, candidato pelo DEM (Democratas), saiu na edição 47, no mês de agosto.

As escolhas se devem ao fato de ambos os perfis tratarem de personalidades que buscavam o mesmo posto dentro da República e por serem publicados em um período próximo de tempo.

5 A CARA DO PMDB: UM PERFIL SOBRE MICHEL TEMER

Diz-se que o perfil de alguém é traçado. Como um caricaturista que desenha no papel, o repórter vai moldando, com texto, a imagem de alguém. Na reportagem-perfil, “A Cara do PMDB”, assinada pela jornalista Consuelo Dieguez, o então candidato à vice-presidência, Michel Temer, tem sua vida ‘desenhada’ e explorada em cinco páginas.

Dissociar a imagem de Michel Temer da imagem de seu partido é praticamente impossível. E o perfil reforça essa ideia logo no título. A linha de apoio também insinua essa proximidade. “*Quem é, de onde veio e o que quer o chefe do maior partido brasileiro a vice-presidente de Dilma Rousseff*”.

Os traços literários se mostram nos primeiros parágrafos do texto. A presença de figuras de linguagens é evidente. O texto vai explorando histórias da vida de Temer para demonstrar as características do partido do candidato. Nesse primeiro momento, o que se percebe é que o perfil entrelaça partido e personagem. Temer é associado a cenas que dizem respeito à instituição:

O deputado Michel Temer, do PMDB, recebeu em meados de abril de 1998, um jovem advogado, cuja família conhecia de longa data, para um almoço Tetê-à-tête na residência oficial da presidência da Câmara dos Deputados. Mal haviam começado a comer quando o rapaz criticou a nomeação do senador Renan Calheiros para o Ministério da justiça. [...] Temer olhou com um pouco mais de interesse o interlocutor e, sem alterar a expressão e a voz, respondeu: “O Renan foi escolhido pelo PMDB; portanto, é uma escolha minha”. E levantou-se logo em seguida, alegando que precisava dar um telefonema. Não voltou. Um mordomo pediu ao moço que se retirasse, dizendo que Temer estava ocupado e não poderia continuar o almoço. O PMDB é isso: lealdade.

Passados sete anos, Renan Calheiros chamou Temer ao seu gabinete. Era uma conversa crucial para o deputado. Ele se lançara candidato à presidência da Câmara pela segunda vez. Precisava do apoio do companheiro de partido, que tinha ascendência sobre um grupo de parlamentares e era respeitado pelo governo petista. O senador garantiu que diria ao presidente Luiz Inácio Lula da Silva que Temer era a escolha do PMDB. Naquela mesma noite, Temer soube que, na reunião com Lula, ao invés do seu nome, Calheiros defendera o de seu principal oponente: Aldo Rebelo, do Partido Comunista do Brasil. Com apoio do Planalto, o deputado do PCdoB elegeu-se presidente da Câmara: o PMDB é isso traição (PIAUÍ, n. 45, p. 31).

O texto também é caracterizado pela onipresença, característica literária onde o narrador se encontra presentes em todos os atos. Embora não revele as fontes, a autora deve ter apurado as informações desses encontros, tal a riqueza de detalhes. Essa característica, aliás, é muito comum no jornalismo literário. Explorar situações contadas por outras pessoas e reproduzi-las como se tivesse vivido tal situação.

Em outros pontos do perfil, a autora cria um panorama mais informativo em que números retratam e ilustram a realidade mais claramente. “O PMDB é o grande partido brasileiro. Tem a maior bancada da Câmara, com 91 deputados, e a maior do Senado, com dezoito senadores” (PIAUÍ, n. 45, p. 31). Essa busca pela informação parece compensar os fatos detalhados anteriormente, cuja característica literária predomina.

No perfil analisado, a realidade histórica também é narrada como se fosse um conto. Para escrever como o PMDB chegou à forma que tem hoje, a autora recorre à história da República e recria os fatos. Como fica claro no trecho que segue. “Com a popularidade no

fundo de um abismo, Sarney saiu do Planalto sob vaias. Ulysses Guimarães, o líder histórico do partido, candidatou-se a presidente e obteve um vexatório sétimo lugar, com 4,4 % dos votos” (PIAUÍ, n. 45, p. 32).

As vozes de argumentação também colaboram para ilustrar os fatos e as características da personalidade narrada aos leitores. No caso, de Michel Temer, o irmão Adib Temer. Essa fonte garante um lado mais emocional ao texto e, por consequência, extingue traços racionais, característicos do jornalismo objetivo. “Adib acha que o irmão faria muito melhor se largasse tudo e fosse aproveitar a vida. ‘Adoro quando ele me chama para ir à casa dele aos domingos’, continuou. ‘É quando temos tempo para conversar. Mas isto está cada vez mais difícil. Quando não dá, e a saudade aperta, ligo a TV Câmara e fico vendo ele’” (PIAUÍ, n. 45, p. 36).

A sequência narrativa não tem uma linha temporal. Os fatos na vida de Temer são colocados de acordo a garantir uma variedade de cenários ao leitor e, assim, melhorar fluidez textual. A aproximação dos assuntos é que vai desenrolando a narração. Essa sequência aleatória também demonstra uma aproximações do jornalismo com a literatura, uma vez, que os textos referenciais tendem a manter uma sequência lógica. Já na literatura um enredo não linear pode ser observado em grandes obras como *Budapeste*, do escritor Chico Buarque.

6 O EGO NAS ALTURAS: UM PERFIL SOBRE ÍNDIO DA COSTA

Índio da Costa era um desconhecido nacional até pouco tempo. Não fosse pelo convite do então candidato a presidente da República, José Serra, para compor sua chapa, o jovem político carioca poderia andar tranquilamente pelas ruas de outros estados sem ser reconhecido.

O perfil de Índio foi traçado pela jornalista Consuelo Dieguez. Dessa vez, as metáforas começam logo no título: “Egos nas alturas”, acompanhado da linha de apoio: “Na sala ‘Energia Criativa’ de seu Instituto de Novas Ideias, o piloto de ultraleve Índio da Costa não tem direito a estresse”. Num primeiro momento, ego nas alturas faz referência a alguém presunçoso. A linha de apoio, no entanto, lembra que o candidato também é piloto. De um modo geral, a jornalista parece ter feito uso de um jogo intertextual, para explicar a personalidade de Índio de uma forma mais comedida. A linguagem nesse caso se mostra figurada ao dar um sentido duplo ao texto.

A observação dá partida à reportagem-perfil. Por se tratar de um político desconhecido, o texto parece olhar de forma desconfiada para o candidato. Isso se nota logo no início, ao buscar, num plano geral, tecer comentários sobre ele.

Passava das onze da manhã de um domingo nublado, no começo de julho, quando Antônio Pedro de Siqueira Índio da Costa, ou simplesmente Índio, como é chamado, entrou em seu escritório político, num prédio art déco do centro do Rio. O escritório agora faz as vezes de quartel-general da sua campanha a vice-presidente. [...] Índio da Costa é alto, magro, tem a pele morena e os cabelos negros bem curtos. Havendo motivo ou não, sorri quase o tempo todo. Aparenta menos que seus 39 anos (PIAUI, n. 47, p. 28).

Nota-se nessa parte que há uma técnica literária de composição do personagem. A ação se confunde com a caracterização física e do ambiente. Ao mesmo tempo, percebe-se o elemento informativo latente. A ideia de caracterizar Índio é necessário para que o público aos poucos se habitue ao novo político. Também é um jeito de informar o leitor. Aliás informação tem no seu significado original na ideia de “dar forma”, e nesse momento, jornalismo e literatura se aproximam. No momento em que a técnica de construção é literária, o texto apresenta e informa sobre Índio da Costa ao leitor.

A sequência narrativa novamente não é linear, alternando momentos históricos com a vida do candidato. O foco principal é tecer um panorama geral do político. Longe de tentar passar uma mensagem positiva de Índio, a revista tenta dar detalhes da personalidade dele. Essa ideia de analisar a personalidade, do ponto de vista psicológico, tem suas origens no realismo-naturalismo do século XIX. A partir da observação social, romancistas como Machado de Assis e Aluísio Azevedo, colhiam dos problemas e dos desejos psicológicos da fidalguia o contexto de suas obras (BULHÕES, 2007, p. 62-100). O texto a seguir ilustra bem essa situação:

O deputado não contou, contudo, que o acidente ocorrido na madrugada de 29 de junho de 2003, no Itanhangá, Barra da Tijuca, resultou num processo criminal que o Ministério Público moveu contra o taxista Márcio Lopes de Carvalho. Os autos contêm discrepâncias profundas em relação a sua narrativa. No processo consta que Índio da Costa foi transportado de imediato do local do acidente para a clínica São Vicente, na Zona Sul. Sangrando, deu entrada no setor de emergência com suspeita de traumatismo craniano (PIAUI, n. 47, p. 28).

Se o relato também retoma traços literários, ao recriar uma cena em que o repórter não se encontrava. Dessa vez, o objetivo é essencialmente jornalístico: confrontar ideias e se chegar próximo da verdade. Há um tom combativo nesse trecho e que deixa claro como é o mundo político: cheio de artimanhas e maquilagens.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Há uma fluidez nos limites entre o jornalismo e a literatura. O objetivo desse artigo foi o de demonstrar como essas relações ocorrem, especialmente analisando como a construção do texto jornalístico se utiliza da literatura. Embora se mostre que ambas conversam e se cruzem ambas as disciplinas não podem ser confundidas.

A literatura tem um ‘pacto’ com a imaginação. A onipresença fortalece a ideia de imaginação. Mesmo no jornalismo, quando essa técnica é empregada, parece destoar da realidade e de diminuir a credibilidade. Sempre fica uma dúvida ao leitor se aquilo é exatamente verdade.

Já o jornalismo tem um ‘pacto’ com a ‘verdade’. Ou pelos menos com um busca incessante por ela. O uso de técnicas literárias, no entanto, é necessário para garantir a atenção do leitor, atrair o gosto do receptor. São estratégias que permitem um tom menos formal ao texto e criam uma redação mais solta e informal, imagética e com estilo.

No caso do perfil, essas técnicas são ainda mais importantes. Um texto linear sobre a vida de alguém tende a se tornar um grande currículo. Digressões e alternâncias garantiriam assim uma reportagem menos sisuda e mais agradável, como nos casos do perfis analisados.

REFERÊNCIAS

BRAIT, Beth. **A personagem**. 7.ed. São Paulo: Ática, 1999.

BULHÕES, Marcelo Magalhães. **Jornalismo e literatura em convergência**. São Paulo: Ática, 2007.

CASTRO, Gustavo de; GALENO, Alex. **Jornalismo e literatura: a sedução da palavra**. São Paulo: Escrituras, 2002.

DIEGUES, Consuelo. A cara do PMDB. **Piauí**, São Paulo, n. 45, p. 31-36, junho, 2010.

_____. O ego nas alturas. **Piauí**, São Paulo, n. 47, p. 28-32, agosto, 2010.

OBRAS CONSULTADAS

BOAS, Sérgio Vilas. **O estilo magazine**: o texto em revista. 3.ed. São Paulo: Summus, 1996.

CAPOTE, Truman. **A sangue frio**: relato verdadeiro de um homicídio múltiplo e suas consequências. São Paulo: Cia. das Letras, 2003.

NASCIMENTO, Patrícia Ceolin. **Jornalismo em revista no Brasil**: um estudo das construções discursivas em Veja e Manchete. São Paulo: Annablume, 2002.